

reportagem cultural

Em campo, o time dos sonhos

Cristiano Bastos *

O advento do Grupo Pentagrama é tido por muitos como uma das mais inovadoras aparições na música regionalista gaúcha. Criado por Ivaldo Roque e Jerônimo Jardim, a formação - que tinha a estreante Loma, então contando seus 19 anos, nos vocais - completava-se com os músicos Tenison Ramos e Yoli Planagumá. Ainda que seu repertório seja rítmica e tematicamente focado no regionalismo, o primeiro, único e autointitulado LP gravado pelo quinteto, com lançamento da gravadora Continental em 1976, traça diálogos com o rock e a música brasileira. No disco destacam-se canções como *Fandanguera* e *Maria Fumaça*. *Côto de Vela*, por sua vez, à época chocou o “hostil” e conservador público gaúcho devido à sua vanguardista ousadia ao utilizar-se de aspectos da cultura negra, tanto na letra quanto na levada fandanguera sobressaída na melodia.

Grata pela oportunidade de integrar o Pentagrama, Loma conta que sua preparação vocal para integrar o quinteto consistiu então em cursos de dicção, teoria musical e solfejo (realizados na Faculdade Palestrina em Porto Alegre). No texto que acompanha

a contracapa do LP, o colunista da Folha da Tarde Osvald Lopes descreveu o grupo como sendo um dos raros casos de criação coletiva na música popular gaúcha daqueles tempos. “A música do Pentagrama antes de mais nada resulta das vivências, técnicas, formações e pontos de vista bem diferentes de seus cinco músicos”. Já a respeito da cantora, o jornalista destacou em seu texto os anos de experiência de Loma nos estúdios de gravação, com sua voz testada também em centenas de jingles por ela gravados.

Autor do livro *Woodstock em Porto Alegre*, o compositor e pesquisador Rogério Ratner conceitua o álbum do Grupo Pentagrama como paradigmático ao assumir em sua composição regionalista influências jazzísticas e de bossa nova. Há no disco, discorre Ratner, canções muito bem arranjadas e outras, por outro lado, repletas de dissonâncias harmônicas a adornar ritmos e temas próprios do ruralismo gaúcho. E inclusive, ele frisa, de viés folclórico. “O Pentagrama, no melhor sentido, era um legítimo ‘ninho de cobras’. Dispunha de talentosos compositores e instrumentistas e, para completar, contava com a presença de Loma, então ainda iniciante mas já grande cantora”, ressalta.



Primeiro e único LP do Grupo Pentagrama aproxima o regionalismo do rock, do jazz e da música brasileira; trabalho foi estreia discográfica de Loma (dir)



Cantora Loma assume a influência do ‘Astro Rei’ em novo momento da carreira

Quarteto S

Quatro mulheres expressam sobre sua convivência com

Eu conheci a Loma durante um encontro virtual que tivemos para nosso projeto das lalodês, apresentado por nós em Porto Alegre neste mês de outubro, o qual, por sua vez, serviu de preparatório para o ensaio. Propus que a gente fizesse uma música juntas, já que a ideia era justamente ter um encontro artístico. Ela fez então um poema maravilhoso chamado *Gira das lalodês*. Ficamos parceiras no ato. Mas só chegando em Porto Alegre pude entender de fato a dimensão artística que ela possui nessa cidade. Nosso encontro foi muito próspero, e senti uma afinidade imediata entre nós duas. A Loma é uma pessoa muito linda e com uma energia muito potente. Fiquei muito feliz de tê-la conhecido. Eu acredito que esse nosso encontro será próspero para novas parcerias.

Thalma de Freitas (cantora, compositora e atriz)

A Loma e eu temos muitas histórias cruzadas, mesmo que muitas delas à distância, nos admirando, ela do palco, eu dos bastidores. Lembro-me de me emocionar ao ouvi-la cantar *Água*, de Cao Trein, *Sonhos*, de Beбето Alves no lendário Teatro Leopoldina, circular linda e esvoaçante,

Estações discográficas

Quando de seu retorno à Porto Alegre (após a temporada de alguns anos passados no centro do País, concedendo sua voz à uma constelação de artistas brasileiros em palcos e estúdios de gravação), em meados dos anos 1980, Loma trazia em mente duas fundamentais proposições: dar início a uma carreira solo e, nesse seu retorno ao ‘torrão natal’, interpretar exclusivamente canções de compositores gaúchos. *Loma*, seu LP solo de estreia, financiou-se no mesmo esquema independente que (na base da ‘guerrilha’) nos primeiros anos da década havia viabilizado os discos *Terra* de Gelson Oliveira e Luiz Ewerling, *Juntos* de Nelson Coelho de Castro, *Pra Viajar no Cosmos Não Precisa Gasolina*, de Nei Lisboa, e *Último Verão*, de Julio Reny.

Tendo arranjos elaborados por Geraldo Flach (e produção dela própria em parceria com o violinista Cao Guimarães), o álbum inclui canções de compositores

como Beбето Alves, Zé Caradípia e Fernando Gama. Em resenha crítica sobre Loma escrita em 4 de setembro de 1983, o jornalista Jurez Fonseca afirma: “Este trabalho de Loma, aliás, é infinitamente melhor que os dois primeiros de Elis Regina em repertório e desempenho”. Do canoense Zé Caradípia (responsável por levar a cantora Zizi Possi ao estrelato em 1982 com o retumbante sucesso radiofônico *Asa morena*), ela escolheu as músicas *Maré de novembro* e *Planta incolor*. No Rio Grande do Sul, ressalta Caradípia, Loma até hoje é o nome que mais canções suas gravou - num total de quatro, contabiliza. “Todas elas, por sinal, ficaram lindas na voz dessa grande intérprete que é a Loma”, prestigia Caradípia.

Levada à gravadora RGE pelo produtor Ayrton dos Anjos, o Patineti, decorreu nove anos até que a cantora fizesse a concepção do segundo álbum: *Um Mate por Ti*. O

disco lançado em 1991 (cuja maior parte do repertório é composto por canções de autoria de Cao Guimarães), situa Loma, ensejou-se num momento de sua carreira no qual uma nova obra fazia-se necessária. E também coroa o fato de que, naquela altura, Loma havia se estabelecido como intérprete e mulher preta no ambiente dos festivais tradicionalistas. Escrita por Vinícius Brum, Beto Bollo e Aparício Silva, a faixa-título, mais do que um “presente” que ganhou destes compositores, afirma a artista, significou musicalmente a consagração de um decisivo momento de sua caminhada.

Oito anos depois, em 1999, a cantora faz o lançamento de *Além-Fronteiras*. O disco, cujas canções privilegiam grandemente a verve poética do letrista Robson Barenho (em parceria com distintos compositores), traz em suas músicas uma verdadeira infusão de negritude e brasilidade. Muito disso Loma